

«PASSOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ»

3. O dom do Espírito

por Luigi Giussani*

A EXPERIÊNCIA DO DIVINO

“Não sois capazes de compreender agora. Quando porém vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à plena verdade e vos convencerá de tudo o que eu vos quero dizer.”²⁸ Os Apóstolos tinham-se deparado com uma realidade excepcional, fascinantes, profundamente persuasiva: e a aceitavam, mas não se davam conta por completo do que ela era. Conservavam e respeitavam as suas palavras, mas davam a elas a medida da sua própria concepção das coisas, sem supor o que se ocultava nelas. Repetiam as definições que Ele dava de si mesmo, sem fazer ecoar o seu mistério preciso.

São Paulo faz uma lúcida comparação. O animal percebe a presença do homem e reage ao seu comportamento e aos seus gestos. Entretanto, não apreende a realidade que se oculta neles, permanece à margem da realidade documentada por eles: não “compreende”. Falta ao animal a capacidade de sondar o abismo do pensamento e do amor, falta-lhe o instrumento adequado para captar a mensagem de um outro mundo: falta ao animal o “espírito” humano. Por isso lhe é estranho, mesmo quando se agacha a seus pés, quando se esfrega às suas pernas ou lambe a mão: falta-lhe a conaturalidade com o homem. “Assim – conclui São Paulo – também ninguém conhece o que existe em Deus, a não ser o Espírito de Deus.”²⁹ Somente quem possui o Seu Espírito é que verdadeiramente encontrou Cristo: “Se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo”,³⁰ ou seja, é um estranho, incapaz de captar-lhe o feitio íntimo, a natureza secreta: incapaz de se tornar familiar do mistério de Cristo.

Sem o acontecimento do seu Espírito, o homem pode defrontar-se com Cristo como com um grande homem, uma figura de homem excepcional, rebelde a qualquer redução categórica, talvez estranha, irresistivelmente persuasiva para a expectativa comum das pessoas simples, entusiasmante para o frescor enérgico dos homens apaixonados pela justiça, perigosíssima para as formas responsáveis pela ordem estabelecida: Ele foi tudo isto para os homens de seu tempo. Ou, então, um homem tão grande, talvez, a ponto de parecer um comovente e dramático mito: e pode ser isto para o cético desespero do homem de hoje. Mas sem o acontecimento do seu Espírito, o homem – os Apóstolos ou nós – permanece no limite obscuro dessas perspectivas; para o homem, Cristo continua sendo um rosto enigmático e misterioso.

Sem o acontecimento do seu Espírito, Ele se reduz a mais um apelo à dolorosa espera humana, que se sobressai na floresta das outras vozes, mas a chave interpretativa permanece ainda nos ambíguos limites do coração, no melancólico limite do pensamento do homem.

Cristo seria, assim, um novo objeto a enfrentar, um novo risco a ser corrido cegamente, »

²⁸ Cf. Jo 16,12-13.

²⁹ Cf. 1Cor 2,11.

³⁰ Rm 8,9.

* “Passos de experiência cristã” in: *O caminho para a verdade é uma experiência*, São Paulo: Cia Ilimitada, 2006, pp. 129-142.

» não um critério *novo*, uma *outra* luz, *nova*, finalmente; porque toda a existência consciente grita que o sentido desta nossa terra está além do nosso horizonte.

O encontro com Cristo permaneceria, assim, na estreiteza da experiência puramente humana; e a visão da realidade – a nossa cultura – condenada a se perder no enigma do ser e do destino, não libertada da sua impotência, não “redimida”.

Mas um dia, “*factus est repente de caelo sonus tamquam advenientis spiritus vehementis et replevit totam domum ubi erant sedentes, et repleti sunt omnes Spiritu Sancto*” (“de repente, veio do céu um barulho como se fosse uma forte ventania, que encheu a casa onde eles se encontravam, todos ficaram cheios do Espírito Santo”).³¹

Compreenderam, então, subitamente, quem era aquele Homem que tinham seguido.

A experiência do seu encontro com aquele Homem, da sua longa convivência com aquele Homem – apaixonada, ansiosa, incerta – toma de repente a forma de uma outra experiência, absolutamente imprevista, desconcertante – a experiência da realidade divina, o encontro, a convivência com Deus –, luminosa, segura, forte.

Cristo, tão presente, tão concreto para nós, um de nós, é, ao mesmo tempo, aquele “além” que resolve o enigma da existência. Cristo é o sentido da história e o senhor do universo. Cristo é o ponto de vista que explica todas as coisas. A experiência do Pentecostes constitui o acontecimento da *cultura cristã*: a descoberta definitiva da “luz de verdade que, vindo ao mundo, ilumina todo homem”.³²

O primeiro gesto que os *Atos dos Apóstolos* nos lembram é a primeira grande afirmação dessa nova cultura, dessa nova e definitiva visão da realidade “não revelada pela carne nem pelo sangue, mas pelo Pai que gera todas as coisas”.³³ Imediatamente, com efeito, diante daquelas pessoas vindas de todas as partes do mundo de então, Pedro anuncia a descoberta de Cristo como elemento central do desígnio de Deus. É o grito incansável dessa consciência, é o grande testemunho que inunda o mundo e a história a partir de cada palavra da primeira pregação cristã.

Toda a experiência humana é iluminada pelo ponto de vista de Deus. É o anúncio do critério definitivo da verdade: o acontecimento da cultura definitiva.

A EXPERIÊNCIA DO DOM

A comunicação do Espírito de Deus é chamada pela Liturgia “*donum Dei Altissimi*” (“do Deus Excelso o dom”). Ela não é uma perspicácia humana, uma conquista humana, ela não é nem mesmo uma previsão humana, menos ainda um direito humano: ela é puro *dom*.

Assim, o Espírito de Deus em nós é um acontecimento puro, uma surpresa total: um dom absoluto.

Só existe um fato comparável: a gratuidade abismal do nosso próprio ser, da nossa própria existência.

Mas não seria dom uma coisa da qual não nos fosse dado o significado. E nós não reconheceríamos como dom a vida e o universo se não esperássemos a revelação do seu sentido.

Assim, o Espírito do Pentecostes é o Dom por excelência, porque é por Ele que somos arrastados para dentro do mistério de Cristo, introduzidos na experiência daquela pessoa que explica e resolve toda a nossa realidade. “*Fides mundi lumen*” (“A fé é a luz do mundo”). No acontecimento desse Dom, a solidão humana é dissolvida. A experiência humana não é mais a de uma impotência desoladora, mas a experiência de uma consciência e de uma enérgica capacidade, como é indicado »

³¹ *Vulgata*, At 2,2.4.

³² Jo 1,9.

³³ Cf. Mt 16,17; Jo 1,13.

» pelo fogo que foi sinal da vinda do Espírito: “*fortiter et suaviter*” (“forte e suavemente”).³⁴

A obscuridade temerosa da consciência dos Apóstolos se transforma em uma lucidez corajosa (vejam-se os seus primeiros confrontos com as autoridades religiosas e civis).

A existência se torna uma imensa certeza: “Esta é a vitória que venceu o mundo: a nossa fé”.³⁵

Eles não estão mais sozinhos, experimentam a promessa de Cristo: “Não vos deixarei órfãos”.³⁶

O homem realmente não está mais sozinho, porque daqui por diante o grito mais verdadeiro da luta da existência é o de São Paulo: “Tudo posso naquele que me dá força”.³⁷ Não é o homem que perde os seus limites e as suas enfermidades, é um Outro que, “como um herói exultante em seu caminho”,³⁸ passa a acompanhar o homem. Uma nova existência se realiza: e na nascente desta “nova criatura” na frágil veia humana introduz-se misteriosamente o ímpeto irresistível da presença de Deus. A força do homem é um Outro, a certeza do homem é um Outro: a existência é um diálogo profundo, a solidão é abolida, a partir das raízes, de todos os momentos da vida. Existir é ser amado, definitivamente – “Ele é fiel ao Seu amor” – e abandonar-se a este amor, definitivamente: “Para mim, o viver é Cristo”.³⁹

A existência humana é uma amizade inexaurível e onipotente.

A COMUNIDADE NOVA

A solidão, tal como a descrevemos, aproxima o homem dos outros, reúne-os aos outros na experiência da necessidade universal; a comunidade que surge deste modo é como a única experiência de abrigo, de doçura passageira, de segurança precisa para pessoas sem rumo.

As tentativas para remediar tudo o que sentimos faltar são um trabalho ansioso, de resultados ambíguos e frágeis, que cada geração sente o tormento de denunciar e de mudar quando, como frequentemente acontece, “a ira de sua vã procura”⁴⁰ arrasta o homem à impaciência irrefletida, a violências amargas, a trágicas presunções. A civilização humana cria, assim, comunidades de tramas tão precárias e ilusórias, que mais parecem ciladas do que passos para o caminho real.

A superação da solidão na experiência do Espírito de Cristo não apenas aproxima o homem aos outros, mas o escancara a eles desde as profundezas do seu ser.

A verdadeira vida do homem, o sentido da existência de cada um é Cristo: uma só realidade é a vida e o sentido de todos. “Eu sou a videira e vós os ramos.”⁴¹ A comunidade se torna essencial para a própria vida de cada um. A solidariedade humana se torna Igreja. O “nós” se torna plenitude do “eu”, lei da realização do “eu”. “Nós sabemos, ó irmãos, que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos”,⁴² escreve São João aos primeiros cristãos.

Uma unidade tão absolutamente imprevisível quanto indissolúvel faz da Igreja a redenção da comunidade humana, o ideal realizado da comunidade. “Para que todos sejam um como Tu, Pai, estás em mim e eu em Ti, e para que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que Tu me enviaste.”⁴³

A certeza do caminho e a força do Espírito animador geram, nessa comunidade, uma »

³⁴ *Vulgata*, Sb 8,1. Cf. também At 2,3ss.

³⁵ 1Jo 5,4.

³⁶ Jo 14,18.

³⁷ Fl 4,13.

³⁸ Cf. Sl 19(18),6.

³⁹ Fl 1,21.

⁴⁰ G. Pascoli, “Il libro”, da *Primi poemetti*. In: *Poesie*, Milão: Garzanti, 1994, p. 329.

⁴¹ Jo 15,5.

⁴² 1Jo 3,14.

⁴³ Jo 17,21.

» capacidade de consciência sem descanso (“de toda palavra fútil que se profere há de se prestar conta”),⁴⁴ uma laboriosidade indomável (voltemos a meditar a parábola dos talentos), em que a dedicação é óbvia até a morte (“O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas”).⁴⁵ Uma fecundidade e uma intensidade de obras, uma ordem íntima instam do profundo a vida da comunidade nascida do acontecimento do Espírito: “Diante de Deus e de Cristo Jesus, que há de vir a julgar os vivos e os mortos, e em virtude da Sua manifestação gloriosa e do Seu Reino, eu te peço com insistência: proclama a Palavra, insiste oportuna ou importunamente, argumenta, repreende, aconselha; com toda a paciência e doutrina”.⁴⁶ Esta vigilante paixão pelo tempo, pelas coisas e pelas pessoas recria a convivência dos homens entre si e com as coisas. *A comunidade cristã cria, inexoravelmente, uma nova civilização.*

E quanto mais é precisa a fidelidade ao Espírito de Cristo, tanto mais as tramas dessa civilização são experimentadas como caminhos ideais e definitivos.

O encontro com uma comunidade cristã qualquer, que procure viver decididamente em nome de Cristo, realiza inevitavelmente uma forma de convivência, um clima e um ritmo humano tão diferente do comum que não pode deixar de tocar quem a observa como algo de novo, de estranho, de perturbador, de humano ideal.

AUTORIDADE ÚNICA

A autoridade suprema é aquela em que encontramos o sentido de toda a nossa experiência: Jesus Cristo é esta autoridade suprema, e é o seu Espírito que nos faz compreender isso, abrindo-nos à fé n’Ele e à fidelidade à Sua pessoa.

“Como o Pai me enviou, também eu vos envio”.⁴⁷ os Apóstolos e os seus sucessores (Papa e Bispos) constituem, na história, a continuação viva da autoridade que é Cristo. Na sua dinâmica sucessão na história e multiplicar-se no mundo, o mistério de Cristo é proposto sem interrupção, esclarecido sem erros, defendido sem compromissos. Eles constituem, pois, o lugar em que a humanidade pode haurir o sentido verdadeiro da própria existência, com aprofundamento crescente, como numa fonte segura e continuamente nova.

Aquilo que o gênio é no grito da necessidade humana, aquilo que o profeta é no grito da espera humana, eles são no anúncio da resposta. Mas como a resposta verdadeira é sempre incomparavelmente precisa e concreta em relação à espera – inevitavelmente vaga ou sujeita a ilusões –, do mesmo modo eles são como rocha definitiva e segura: infalível. “Tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja.”⁴⁸

A sua autoridade não apenas constitui o critério seguro para a única visão do universo e da história que lhes exaure o significado; ela é também um estímulo vivo e tenaz à verdadeira cultura, é sugestão incansável à visão total, é condenação inexorável de todo tipo de exaltação do particular e de toda idealização do contingente, ou seja, de todo erro e de qualquer idolatria. A sua autoridade é, portanto, o guia supremo no caminho para uma genuína convivência humana, para a *verdadeira civilização.*

Onde tal autoridade não é viva e vigilante, ou então onde é combatida, o caminho humano se complica, torna-se ambíguo, altera-se, desvia-se para a ruína, mesmo que o aspecto interior pareça potente, próspero, inteligente, como hoje. Onde tal autoridade é viva e respeitada, o caminho da história se renova com segurança e equilíbrio, rumo a »

⁴⁴ Cf. Mt 12,36.

⁴⁵ Jo 10,11.

⁴⁶ 2 Tm 4,1-2.

⁴⁷ Jo 20,21.

⁴⁸ Mt 16,18.

» aventuras mais profundas de humanidade genuína, mesmo que as técnicas de expressão e de convivência sejam rudes e duras.

É preciso sublinhar uma observação importante. Foi o dom do Espírito que tornou evidente para os Apóstolos o valor de Cristo como “Caminho, Verdade, Vida”,⁴⁹ e isto lhes possibilitou aquele abandono consciente e luminoso que está na origem da coragem irresistível e da veemente segurança com que afirmaram o seu Mestre frente à cultura e à civilização de seu tempo.

Ainda hoje é o dom do Espírito que nos permite descobrir o significado profundo da Autoridade Eclesiástica como diretriz suprema para o caminho humano; eis de onde nasce aquele abandono último, aquela obediência a ela plenamente consciente pela qual ela não é mais o lugar da Lei, mas o lugar do Amor. Fora do influxo do Espírito, uma pessoa não pode compreender a experiência daquela devoção definitiva que une o “fiel” à Autoridade, devoção que se afirma frequentemente na cruz da mortificação da exuberância de uma própria genialidade ou de um próprio plano de vida.

Do que meditamos acima, podemos ainda dizer, então, que, sem o dom do Espírito, o homem não sabe reconhecer os mestres da verdadeira civilização, e a humanidade não encontra a força e a sabedoria para construir um caminho unitário, equilibrado e luminoso.

“PAI NOSSO”

O fruto supremo de toda essa renovação trazida pelo dom imprevisível do Espírito é uma palavra nova e um gesto novo dos quais o homem se torna capaz.

A palavra e o gesto são a expressão do modo como o homem vê, sente, enfrenta e se empenha com a realidade.

A urgência das necessidades humanas, as inesgotáveis tentativas para satisfazê-las, a inevitável e intolerável perplexidade final, tudo isto inspira, plasma e continuamente suscita o grito da palavra humana ou o empenho do gesto humano: grito e empenho tão necessitados pela natureza quanto incertos e imprecisos nos seus termos quando a violência não dá a eles nem mesmo a fixação ou obtusidade mórbida da loucura. O homem tende a alguma coisa e espera, e não sabe o quê. O dom do Espírito e a descoberta e aceitação de Cristo como centro de todas as coisas dão finalmente ao empenho do homem – à palavra e ao gesto – um termo definitivo, uma consciência que cumpre a disposição da razão e realiza a premissa de uma liberdade plena, um objeto preciso e sem ambiguidades.

O grito novo, a “palavra redimida”, é a *oração cristã*. “Não sabemos o que pedir: é o Espírito que vem em socorro de nossa fraqueza... E nele todos nós clamamos: ‘Abbá, ó Pai!’”⁵⁰

A observação de São Paulo nos reporta àquele extraordinário documento humano e cristão que é a primeira parte do décimo primeiro capítulo de São Lucas: “Um dia, Jesus estava rezando num certo lugar. Quando terminou, um de seus discípulos pediu-lhe: ‘Senhor, ensina-nos a rezar, como também João ensinou a seus discípulos’. Jesus respondeu: ‘Quando rezardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino. Dá-nos a cada dia o pão de que precisamos, e perdoa-nos os nossos pecados, pois nós também perdoamos a todos os nossos devedores, e não nos deixes cair em tentação’. Disse-lhes ainda: ‘Se um de vós tiver um amigo e for procurá-lo à meia-noite e lhe disser: “Amigo, empresta-me três pães, porque um amigo meu chegou de viagem e nada tenho para lhe oferecer”; e se o outro responder lá de dentro: “Não me incomodes! Já tranquei a porta e meus filhos e eu já estamos deitados; não me posso levantar para te dar os pães”; eu vos declaro: mesmo que o outro não se le-»

⁴⁹ Jo 14,6.

⁵⁰ Cf. Rm 8,15.26.

» vante para dá-los porque é seu amigo, vai levantar-se ao menos por causa da impertinência dele, e lhe dará quanto for necessário. Portanto, eu vos digo: pedi e recebereis; procurai e encontrareis; batei e vos será aberto. Pois quem pede, recebe; quem procura, encontra; e, para quem bate, se abrirá. Será que algum de vós que é pai, se o filho pedir um pão, lhe dará uma pedra? Ou se o filho pedir um peixe lhe dará uma cobra? Ou ainda, se pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo aos que o pedirem!”⁵¹

A aspiração do homem se traduz em um “tu” pessoal, conhecido e preciso como o da mãe, e em um pedido claro, exaustivo, em uma consciência plena da relação existente entre os termos do diálogo: “Pai nosso... venho o vosso Reino... perdoai-nos as nossas ofensas... livrai-nos do mal”.⁵² “Ninguém pode dizer: ‘Jesus é o Senhor’, a não ser no Espírito Santo.”⁵³

E a redenção do gesto é o *Sacramento*.

Com ele, o empenho existencial não tem mais o profundo perigo de se inebriar ou de perverter a rota, na tentativa de alcançar a realidade genuína através da entrega à aparência das coisas; no gesto do Sacramento, o sinal sensível que empenha o homem o conduz com inefável segurança a tocar a realidade divina. Por isso, nenhum gesto humano realiza, com tão tranquila plenitude, aquela espera que impele o homem à ação.

Há uma consequência maravilhosa dessa redenção da palavra e do gesto humano; e é que a dimensão comunitária nasce do próprio coração da palavra nova e do gesto novo, da oração ou do sacramento; tanto assim que não pode mais existir um verdadeiro pedido a Deus ou um verdadeiro empenho com Ele que não sejam, ao menos implicitamente, abertos a toda a comunidade de Seu reino. A abertura comunitária determina a verdade da palavra e a justeza do gesto de cada um. “Quando rezardes, dizeis: Pai nosso, venha o teu Reino’.” “Nós todos somos um só corpo, pois todos participamos do único pão.”⁵⁴

A impotência para a felicidade constitui no nosso caminho comum a sugestão mais ajuda a viver juntos; mas, muito mais profundamente, somos levados a descobrir que somos uma só coisa pela revelação de que a felicidade de cada um é uma Realidade comum a todos: “*idem Spiritus... idem Dominus... idem Deus*” (“um só Espírito... um só Senhor... um só Deus”).

A *liturgia* é a expressão maior da novidade de oração e de gesto da qual o Espírito torna o homem capaz.

Ela gera a forma suprema da comunidade terrestre, onde o indivíduo é valorizado em toda a sua plenitude exatamente na aceitação da comunhão universal dos filhos de Deus e onde até a natureza material – tempo e coisas – é assumida numa unidade de gesto que verdadeiramente representa o início daquela redenção da própria natureza física de que fala São Paulo: “Sabemos que toda a criação, até ao tempo presente, está gemendo como que em dores de parto”.⁵⁵

Por esta sua plenitude, a liturgia se torna o único lugar de autêntica e completa educação para receber o Espírito e para seguir a sua ação transformadora.

Lembramos que é possível enviar perguntas e testemunhos no site <http://eventi.comunioneliberazione.org/gscontributi/>

⁵¹ Lc 11,1-13.

⁵² Mt 6,9-10.

⁵³ 1Cor 12,3.

⁵⁴ Cf. Lc 11,2; 1Cor 10,17.

⁵⁵ Rm 8,22.